



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
MONOGRAFIA EM LITERATURA**

CLEONICE SEVERO ZUSE

REGIONALISMO E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

**BRASÍLIA
2014**

CLEONICE SEVERO ZUSE

REGIONALISMO E LITERATURA: CAMINHOS QUE SE CRUZAM

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para a aprovação da disciplina de Monografia em literatura, sob a orientação da Prof.(a) Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

Brasília
2014

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, por capacitar-me à realização desse trabalho, proporcionar as oportunidades e conhecimentos que engrandecem a minha caminhada.

Ao meu marido Paulo e aos meus filhos Prisley e Enzo, que se doaram por inteiro, com paciência e compreensão para que eu realizasse o meu sonho, agradeço de coração todos os cuidados e o eterno reconhecimento.

À professora Adriana, pelos momentos em que repartiu os seus conhecimentos e as suas experiências, ensinando-me e incentivando, com paciência, dedicação e responsabilidade.

A todos que cruzaram o meu caminho e que auxiliaram de uma forma ou outra para que esse estudo fosse realizado, meu mais sincero agradecimento.

Simões Lopes Neto é o artista enquanto homem que tem algo de si a transmitir, ainda quando pareça fazer apenas documentário de uma dada situação cultural. Seus contos fluem num ritmo tão espontâneo, que o caráter semidialetal da língua passa para o segundo plano, impondo-se a verdade social e psicológica dos trechos e das personagens. (Bosi, 1994).

RESUMO

Considerado patriarca das letras gaúchas e precursor da prosa regionalista do Rio Grande do Sul, João Simões Lopes Neto nasceu em Pelotas, em março de 1865, numa estância de propriedade de seu avô paterno, o notório Visconde da Graça. Após uma temporada de estudos no Rio de Janeiro, Simões Lopes Neto retorna a Pelotas, onde fixa residência e põe em prática empreendimentos audaciosos e variados, com os quais não obteria sucesso. Além de escritor, foi jornalista, trabalhando como cronista, redator, editor, secretário de redação, folhetinista e diretor de jornal. Mas sua obra estava destinada a ser um legado para a posteridade. Seu talento como escritor somente seria reconhecido após sua morte, ocorrida em junho de 1916. Publicado em 1912, Contos Gauchescos é uma compilação de 19 histórias do passado gaúcho mais um conjunto de adágios (Artigos de Fé do Gaúcho), em que o autor João Simões Lopes Neto demonstra intensa valorização dos costumes e da linguagem da região. A voz narrativa da obra é entregue a Blau, o vaqueano, que, depois de ser apresentado, narra e descreve os acontecimentos que viveu diretamente, que presenciou ou simplesmente ouviu fazendo uso de criativas metáforas, com um linguajar próprio, sugestivo e agradável.

Palavras Chaves: Regionalismo, Literatura, Gaúcho, Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. LITERATURA E REGIONALISMO	9
3. O TRADICIONALISMO DE SIMÕES LOPES NETO	15
4. DA LINGUAGEM ORAL PARA A LINGUAGEM ESCRITA	18
5. GAÚCHO: MONARCA DAS COXILHAS OU CAMPEIRO, HERÓI OU MITO.....	20
6. CONTOS LITERÁRIOS.....	25
7. ANÁLISE DOS CONTOS DE SIMÕES LOPES NETO.....	25
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
BIBLIOGRAFIA.....	43

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho quero relembrar como aconteceu o surgimento da literatura regionalista no Brasil, fazendo uma viagem desde as primeiras tentativa de surgimentos da verdadeira literatura regional. Tem como objetivo desenvolver o reconhecimento da literatura como fonte de conhecimento cultural existente nos contos de Simões Lopes Neto, autor que se destacou na literatura rio-grandense. A literatura é um reflexo da cultura de uma sociedade. A escolha do tema surgiu devido à importância do resgate das nossas tradições, mostrando assim, que a arte literária é mais que uma obra de ficção é um acontecimento real.

A segunda metade do século XX é marcada pela leitura e releitura de obras literárias que revelam a “cor local” e as nuances do regionalismo, em diferentes partes do Brasil. Mas as obras não tiveram tanta importância, pois parecia vaga, sem a realidade entre suas linhas. A obra “O Gaúcho”, de José de Alencar, é um exemplo de retratar o gaúcho distorcidamente quanto à linguagem, às crenças e aos costumes, não podemos negar que foi uma das primeiras obras a tratar do regional, mas recebeu muitas críticas com essa obra. Alencar queria um homem universal, uma vez que ele buscava um herói capaz de representar um povo diante do mundo.

Ao estudarmos Simões Lopes Neto, percebemos que a palavra escrita está impregnada de marcas da oralidade, ou seja, a realização plena do discurso enquanto enunciação de um sujeito a outro. Contos Gauchescos, na qual procurou abordar não apenas um linguajar sul-rio-grandense, mas uma linguagem mais regionalista, mais tarde denominada como gauchesca.

Contos Gauchescos, enfim, confronta o homem e o mundo da natureza, ao nomear uma região, seus tipos característicos e sua tradição. A memória é individual e coletiva. A imaginação confronta o mundo da realidade e o mundo da ficção. No mundo imaginário de Simões Lopes Neto nasce, assim, a oralidade que conquista a linguagem.

A análise detalhada de “Contos Gauchescos”, de João Simões Lopes Neto, está sendo relatados, nas entrelinhas, com os costumes do Rio Grande do Sul, bem como estabelecendo relações de semelhança e de diferença quanto ao regional e universal propriamente dito. É interessante observar o estudo da obra, de Simões Lopes Neto, porque revela o espaço geográfico, os costumes e os hábitos regionais do estado do Rio Grande do Sul, através da análise da linguagem coloquial presente na obra. O tipo do gaúcho se concretiza com a criação do vaqueano Blau Nunes, pois através dele serão retratados aspectos locais que caracterizam o homem sulino. Surge, assim, a imagem da raça gaúcha, perfeita, viril, autossuficiente, que ainda não se alterou pelo progresso da sociedade. Também encontramos um diálogo face a face, entre o narrador Blau Nunes e seu interlocutor e entre discursos, presente na enunciação (embora este não se expresse verbalmente, suas falas são intuídas pela voz do narrador). O assunto dos Contos Gauchescos é a memória, enquanto recordação que revela um passado marcado pela presença do gaúcho e do gaudério, os quais não permitem dupla interpretação.

Todos os personagens, através da linguagem, constituem elementos sociais e históricos e são capazes de expressar várias vozes discursivas em seu enunciado. Blau contém em seus enunciados, um discurso ambíguo, que oscila entre uma consagrada tradição regionalista e um viés mais universal ou humano. O mesmo percebe-se quanto à idealização, ao gosto romântico do gaúcho e um olhar crítico e reflexivo voltado ao caráter realista com o qual identifica a perda das tradições, do passado místico e da figura lendária que habitava o pampa. Em cada análise dos contos existente nesta obra enfatiza a beleza através da forma como lida com a linguagem e expressa os hábitos em acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul.

2. LITERATURA E REGIONALISMO

Literatura é uma palavra com origem no termo em latim littera, que significa letra.

O conceito de literatura é a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou versos, como poesia, literatura de ficção, literatura de romance, literatura médica, literatura técnica, literatura portuguesa, literatura popular, literatura de cordel, literatura regionalista e etc. Como manifestação artística, a literatura tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de um determinado autor, com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas. É uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista. No que se refere à literatura, às polêmicas relacionadas à região e ao regionalismo, em especial, acompanham a própria história literária do Brasil. O conceito de para a ficção está ligada a descrição das regiões e dos costumes de determinada localidade. O material encontrado nas obras ficcionais do regionalismo são os sentimentos, as aflições, o ser no mundo que cada pessoa assume e o local é onde as histórias são narradas desvendando o natural do ambiente: rios, florestas, campos e climas. Estudar o regionalismo brasileiro tem um cuidado no que se faz referência ao assunto (regionalismo), pois todos os movimentos e manifestações defendiam o resgate de temas voltados ao folclore e às tradições regionais.

Na obra “Literatura e Sociedade”, Antônio Candido analisa a literatura brasileira que surgiu como forma de descoberta do país e instrumento de investigação. Para conhecer e afirmar o Brasil os autores românticos buscaram valorizar as particularidades da pátria, sobretudo, na natureza e no exotismo nativista. “Ambas (natureza e pátria) condiziam a uma literatura que compensara o atraso material e a debilidade das instruções por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social.” (Candido, 2006, p. 170).

Para Candido, o romantismo foi fundamental para a construção de uma ideologia que valorizasse temas que contribuíssem para uma concepção ancorada no nacionalismo, valorizando o clima, a paisagem, a cultura, a língua. A formação da literatura “perpassa a dialética entre o particular e o universal”, pois naquele momento, havia um sentimento de expressar as peculiaridades da sociedade brasileira, por meio das formas de expressão europeias. (Candido, 2007, p.436). Ainda vê a literatura como um resultado de um processo de civilização, no qual a população cria uma associação cultural e uma identidade nacional. Entende “que só teremos literatura propriamente dita a partir dos românticos”. Antes deles teremos apenas manifestações literárias, isto é, obras isoladas, sem embutir em seu conteúdo o senso de missão, sem retratar uma identidade compartilhada por autores e públicos.

Esse gosto pelo exotismo, o diferente marcou a literatura, especialmente a partir do romantismo e deu origem a uma das várias formas de representação do que hoje, conhecemos como regionalismo.

O surgimento do regionalismo na literatura brasileira é uma interpretação que pode ser entendida de várias maneiras: quanto ao assunto e quanto à linguagem. Pode ser relacionado em uma obra o mundo rural, o nacionalismo, uma linguagem popular e simples. Como Fischer comenta que “não apenas a linguagem dos “contos” pertence ao passado: também, e antes, o mundo que ela descreve não existe mais”.

A verdade é que, o termo regional, ou regionalismo, possui tendências de representar ou expressar regiões, locais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas. A questão é que o regionalismo apresenta muitas discussões no meio acadêmico por parecer um assunto voltado ao que Bosi chama “literatura menor”; ou regionalismo menor, de valor apenas documental. Fischer também possui o mesmo posicionamento:

“Assim, muitas das histórias que aqui narradas trabalham sobre matéria prima diretamente histórica, mas ficcionando-a, num procedimento não meio comum na

literatura brasileira, ao menos nos termos escritos a que aqui se faz menção". (Fischer, 1998, p.6)

Sabemos que vários autores trabalharam em suas obras o regionalismo, destacando e valorizando sua região, desejada e querida. O indianismo e o sertanejo são exemplos de ficção Brasileira durante o Romantismo e foi fornecido por José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora. Fischer destaca que muitos autores lidaram com dados históricos como Machado de Assis "Esaú e Jacó"; Lima Barreto "O triste Fim de Policarpo Quaresma" e Érico Veríssimo "O Tempo e o Vento". Assim diz que todos os citados acima assumem uma história aberta e franca, que comparecem na ficção apenas como elemento de referência.

Já Simões Lopes Neto como precursor e portador de um regionalismo trás em sua obra a verdade social e psicológica. Podemos dizer que Lopes Neto é o exemplo mais feliz da prosa regionalista do Brasil antes do Modernismo. È considerado por Alfredo Bosi "o patriarca das Letras Gaúchas". (Bosi, 1994, p. 212). Ainda diz:

"É o artista enquanto homem que tem algo de si a transmitir, ainda quando pareça fazer apenas documentário de uma dada situação cultural. Seus contos fluem num ritmo tão espontâneo, que o caráter semidialetal da língua passa o segundo plano, impondo-se a verdade social e psicológica dos trechos e das personagens".

Antes de Simões Lopes Neto aparecer o escritor José de Alencar já idolatrava o regionalismo em suas obras como "O Sertanejo", "O tronco do Ipê", "Til" e "O Gaúcho". O autor desejava representar o Brasil por inteiro, de norte a sul, do litoral ao sertão, do passado ao presente, tentando estabelecer uma linguagem brasileira. Alencar conseguiu aproximar a linguagem sertaneja em sua obra "O sertanejo", pois o autor consegue montar um quadro mais próximo da realidade porque era conhecedor da região e do homem sertanejo. Ao tentar relatar o gaúcho sua obra peca em sua escrita e provoca desacordos entre seus amigos escritores.

Fischer diz: “Franklin Távora reclamou do ponto de vista de seu conterrâneo sobre o sertanejo; e vários sul-rio-grandenses se insubordinaram com a leitura de “O gaúcho”, que parecia a eles artificial”. (Fischer, 1998, p. 13). Nessa revolução positiva para o regionalismo decidiram reinterpretar a realidade e apresentar com detalhes as especificidades do local. Aproveitando a chance, Simões Lopes Neto, destaca-se em sua obra dando poder da palavra a personagens iletrados e descobre que não bastava apenas falar sobre o gaúcho era preciso dar-lhe voz.

Na história da literatura brasileira lembrar-nos de uma semelhança entre Simões Lopes Neto e Guimarães Rosa quanto ao tratamento de seus personagens. Em “Contos Gauchescos, de Simões Lopes Neto, chama a atenção do leitor para o personagem Blau Nunes, velho homem do campo: “Diz a secas: Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano”“. O apresentado rapidamente assume a primeira pessoa do discurso e passa a narrar e dar informações de si próprio. “-Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezague.” (Fischer, 1998, p.14). No decorrer das narrativas do livro, percebemos que existe um interlocutor não nomeado, mas referido como “patrãozinho”, mais jovem que o narrador Blau Nunes. Esse interlocutor não conhece e nem vive no pampa, pois notamos que o narrador se alonga em suas explicações.

Na obra de Guimarães Rosa a estrutura da narrativa de “Grande Sertão: Veredas” percebem-se algumas semelhanças entre Riobaldo e o personagem Blau Nunes de Simões Lopes Neto. Riobaldo fala sobre a vida questionando a existência de Deus e o Diabo, fala sobre os mistérios da própria existência a um interlocutor que não pertence àquele ambiente parece ser da cidade. A dessemelhança entre Riobaldo e Blau Nunes é que Blau e seu ouvinte se movem pela geografia ficcional, enquanto Riobaldo e o doutor (seu interlocutor) permanecem no mesmo plano espacial enquanto sua narrativa vai se construindo. Tirando essas diferenças os dois autores são da mesma natureza. Cronologicamente foi Simões Lopes Neto que lançou a matéria local do nível da literatura regional e pela primeira vez apresentou, sem exotismo, um narrador iletrado, um vaqueano.

O movimento modernista que iniciou na semana de Arte Moderna (1922) e até os dias de hoje trouxe a ideia de que a liberdade formal e crítica da realidade do país. Aproveitando o período histórico amplo, teve grande produção literária, didaticamente classificada em três fases: fase heroica, fase ideológica e a nova face reflexão da linguagem. Embora com o aparecimento de novas tendências sempre a relação com as tendências anteriores, isto é, determinada obra sempre se insere numa linha de continuidade artística. É o caso da literatura regionalista, conforme atesta desde o Romantismo.

O Modernismo mudou o olhar das escolas literárias tradicionais, deu ao artista a desenvoltura para mudar sua forma e conteúdo de desenvolver sua obra, deixando livre para ter uma nova visão de seu país. O Modernismo desencadeou uma ruptura criativa em relação ao passado literário. Assim muitos autores passaram a contar histórias usando materiais que estavam no seu cotidiano, em sua volta.

Os romancistas de 1930 não gostariam de seguir essa tendência, mas estavam cientes que as correntes vanguardas tinham conquistado espaço. O interesse por temas nacionais estavam buscando uma linguagem mais brasileira e o interesse pela vida cotidiana. Alfredo Bosi faz um apanhado dos regionalistas das diversas partes do país. Podemos iniciar com José Américo de Almeida que escreveu a obra regionalista referente ao nordeste, “A bagaceira” (1928) o livro tenta mostrar o que o mundo não presenciava e não via. O autor mostra o sacrifício de um povo que “não tem o que comer na terra de Canaã”. A bagaceira abre um novo ciclo na literatura, buscando demolir padrões e preconceitos abrindo novos caminhos para novas gerações.

Raquel de Queirós com a publicação de “O Quinze” (1930) pode-se citá-la como pioneira do romance regionalista brasileiro. O conteúdo de seu livro mostra os problemas que o nordeste enfrenta até os dias de hoje: a miséria, a realidade da seca, a fome, a desigualdade social e a indiferença dos poderosos diante das graves situações lá existem.

Jorge Amado um extraordinário contador de história conseguiu absorver os problemas e os fatos relevantes de seu estado e transferir para os livros a grandeza de sua terra. Conforme Alfredo Bosi, Jorge Amado é um “Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franquearam um grande êxito junto ao público”. Nas primeiras obras publicadas (ciclo do Cacau) denuncia de forma lírica e direta a opressão e a miséria dos trabalhadores rurais e das classes populares. Em suas próximas obras não muda seu jeito de escrever continua a descrever os pobres, suas dificuldades, a infância na terra seca, a miséria do negro, o cangaço, a exploração do coronelismo latifundiário e a exploração do trabalhador tanto rural com urbano.

José Lins do Rego trouxe para as suas obras a influência de usos e costumes que teve de sua terra quando era jovem. Sempre declarou que era um escritor espontâneo e natural, em suas narrativas estão expostos suas experiências de menino e de adolescente. Relata em seus escritos os “cegos contadores da feira” amados e ouvidos pelo povo porque tinham o que contar.

Graciliano Ramos é um autor de linguagem direta e correta, descreve em seus personagens a investigação profunda dos problemas sociais nordestinos em que estava presente. Sem muitos rodeios e enfeites, com poucos adjetivos, unindo o regionalismo e o intimismo. Conseguia ver em cada personagem de sua obra o problema que era vivenciado pelo povo nordestino, a opressão e a dor.

A realidade do regionalismo nacional foi mostrada através de grandes obras literárias e seus respectivos autores. Cada um consegue de seu jeito e efeito representar sua terra, sua gente e sua maneira de reviver a sua história (a sua realidade). Os valores apresentados só enriquecem nossos conhecimentos dos contos e romances da nossa literatura de ficção. O tempo passa e os estilos também, mas na verdade sempre vai ter alguém que vai recriar a linguagem regional de forma elaborada, dando mostras palpáveis de como a palavra é flexível e a língua é maleável.

3. O TRADICIONALISMO DE SIMÕES LOPES NETO

A literatura Sul Rio-Grandense mistura ficção com história, caracterizando seus personagens como seres humanos reais sem cair no estereótipo do mito, do tipo humano ideal, sem imperfeições. Está aliada, à história do pampa, onde narra a força cultural e social do gaúcho, assim podemos entender a história do Rio Grande do Sul e suas características usadas em relação aos homens as quais são valentes e rudes.

Simões Lopes Neto é “regionalista” nativo, mas não pode ser chamado “um homem do campo”. Até aos 11 anos, órfão de mãe, criou-se numa fazenda em Pelotas, cidade do Rio Grande do Sul que crescia rapidamente com as “charqueadas” (local onde o sal é adicionado na carne bovina com maneira única de preservação e possibilidade de ser transportada). À medida que Simões crescia foi estudar no Colégio Abílio no Rio de Janeiro, logo após matriculou-se na faculdade de medicina, onde foi obrigado a abandonar no terceiro ano, porque estaria doente, no qual regressou à Pelotas, passando a levar uma vida essencialmente urbana. Nunca se formou, mas trabalhou como jornalista, fez conferências, considerado muito esforçado, era um talento em sua cidade, mas apenas isso. Seus amigos diziam que, apesar de passar poucos anos matriculados nas instituições de ensino sempre foi um “homem das letras”, pois gostava da palavra: escrita, falada, publicada e representada. Sempre muito inteligente com as letras.

Em vida não obteve reconhecimento de suas três obras publicadas: o Cancioneiro Guasca (1910), Contos Gauchescos (1912) e Lendas do Sul (1913). Apenas a primeira com mais de uma edição. Para muitos críticos a obra “Contos Gauchescos” é a mais valiosa, pois destaca o gaúcho popular originário das histórias do povo da campanha, das tropeadas, das batalhas, sendo essa obra que notabilizou Simões como um dos maiores escritores da literatura do Rio Grande do Sul. Já “Cancioneiro Guasca” é uma valiosa obra de contribuição para a história

cultural. Simões estava à frente de seu tempo quando passava à literatura uma expressão legítima de uma região muito particular. A região Sul.

A experiência do dia a dia guardada na sua memória foi à fonte para toda a narrativa que encontramos na obra “Contos Gauchescos”. Grande parte de sua obra revela os costumes, as tradições e os mitos do povo gaúcho. Este é composto por dezenove contos onde encontramos as qualidades e limites do narrador, exaltando o mundo gauchesco com a oralidade e a linguagem do regionalismo ali existente. Segundo Fischer:

“A linguagem dos “Contos Gauchescos” é difícil, por vez impenetrável. E isso não apenas para o leitor brasileiro em geral, porque também o leitor sul-rio-grandense de hoje tem dificuldades imensas de acompanhar no detalhe o vocabulário neles utilizados. Por um erro de avaliação, ou por uma soberba injustificada, no Rio Grande do Sul se julga que basta o sujeito nascer gaúcho para imediatamente receber o dom de compreender essa linguagem”. (FISCHER, 1998, p. 5)

Podemos dizer que a obra é o registro da vida do homem do pampa e descreve o gaúcho como HERÓI, como MONARCA DAS COXILHAS centrado na figura do gaúcho quase místico Blau Nunes, o campeiro. Fischer salienta que “o autor fez literatura a partir de uma atenção forte e decidida a história da região.” (p.6).

Por ser um homem das letras e ter se dedicado a várias atividades ligadas à escrita, ele demonstra em seus textos o gosto e a tendência para produzir obras relacionadas a este universo: “Simões Lopes Neto não apenas escreveu um belo livro de contos: ele de fato realizou uma pequena revolução no arranjo de sua narrativa e é um sujeito de espírito jornalístico e verve literária” (FISCHER, 1998, p. 8 e 14). Impressiona o quanto Lopes Neto consegue manter o caráter documental e crônico de seus contos, sem abandonar qualidade ficcional, que é indiscutível.

Assumindo que o personagem Blau Nunes tem a idade que o texto lhe atribui, ele deve ter nascido por volta de 1820 e vivido até os primeiros dez anos do século 20. Isso o posiciona num percurso histórico de particular relevância a

respeito do sul do país: teria ele, assim, visto ao vivo os primeiros anos da Independência a Guerra da Cisplatina (1825-28), a Guerra dos Farrapos (1835 - 45), as turbulências das guerras contra Rosas e Oribe (1851-2), a Guerra do Paraguai (1865-70) e ainda os vários movimentos políticos e militares da instauração da República (1889), os quais, no Rio Grande do Sul levaram a uma guerra civil conhecida como Revolução de 93 (1893-5) (FISCHER, 1998, p.17).

O escritor dá voz ao campeiro Blau Nunes um narrador- personagem e invocação de testemunhas. Isso pode ser observado na figura de Blau:

“Genuíno tipo – o crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, há um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através da imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.” (LOPES NETO, 1998, p. 16).

Por sua vez passará a relatar os fatos que participou, ou presenciou, ou ainda apenas ouviu falar. Narrando em primeira pessoa. Incorporando a fala sulina, Blau traz autenticidade à obra e aproxima o leitor da paisagem local, enfatizando a importância do gaúcho – o monarca das coxilhas. Nesse procedimento, o homem do campo constrói uma personalidade marcada pela honestidade, pela honra e pela bravura.

Na descrição da paisagem do Rio Grande do Sul há constante referência à natureza, representada pelos campos que serviam de cenário para as aventuras do protótipo de uma era: o gaúcho que, com seu cavalo fez história do pampa rio-grandense. Podemos dizer que o Rio Grande do Sul foi uma região com características econômicas, políticas e culturais diferenciadas em relação ao restante do país. É o ambiente propício para o surgimento de um homem com características próprias, ou seja, um homem afeito as rudes lidas do campo, à guerra, à liberdade das coxilhas, sendo formado pela união de várias raças, dos quais assimilou diferentes hábitos, vocabulário e tradições, mas não perdeu o seu maior ideal de vida: a íntima ligação com a terra. Fischer comenta que a obra

“guarda certa característica documental, cronística, que, porém não obscurece sua qualidade ficcional, antes a dimensiona com precisão.” (p. 6).

4. Da linguagem oral para a linguagem escrita

Falar, contar e expressar-se são gestos corriqueiros do nosso cotidiano. Essa maneira é fácil de conseguir o entendimento e a atenção do nosso ouvinte. Para conseguir escrever algo é importante ter muitas experiências. Com a linguagem oral, o assunto pode ser mudado cada vez que é reproduzido. Nunca o mesmo assunto vai seguir uma sequência exata dos fatos. Mesmo que seja contada pela mesma pessoa. Existe uma constante mudança no processo do pensamento que é natural do ser humano. Também existem influências do momento e do lugar, onde essa história ou assunto está sendo contada. Certamente o mesmo narrador nunca consegue reproduzir exatamente as mesmas palavras em tempos diferentes. Assim, a linguagem oral é facilmente transformada, podem ser invertidos os significados dos fatos que ainda não existia. Quando o assunto é transformado em linguagem escrita, a mudança dos fatos é dificilmente alterada. Assim o narrador pode ficar tranquilo que o que foi registrado vai continuar idêntico.

Se o conteúdo da oralidade se modifica quando é passada de narrador para narrador, podemos ter a certeza que permanece inalterada no escrito. Então tudo que é escrito é ordenado e representa o retrato ou relato fiel ao que representa. As duas linguagens se relacionam, pois a união delas é comum. A materialização da linguagem oral suspende a transformação e deixando para o ouvinte uma documentação palpável. Sem esquecer de que a oralidade é comum de qualquer ser humano, que se transforma em escritos de um portador de sabedoria e experiências vividas, vistas e ouvidas.

Em “Cantos Gauchescos”, Simões Lopes Neto introduz Blau Nunes como narrador e Walter Benjamim diz: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é fonte o que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as

melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (1994, p.198).

Fischer diz: “Passou a palavra a um nativo, a um “campeiro”, a um sujeito que tinha sido objeto de literatura, mas que não conseguia falar na linguagem da literatura. ”Ai se explica o porquê cedeu à narração à Blau“ não bastava falar sobre o gaúcho: era preciso que ele próprio tivesse voz.” Lopes Neto além de viver em uma estância começou a prestar atenção na oralidade dos nativos. Das pessoas simples que convivia no seu dia a dia, ouvindo os assuntos da vida; “criou-se a intimidade de Simões Lopes Neto não no mundo do campo, mas o registro desse mundo.” (Fischer, 1998, p.14).

Blau Nunes é um narrador de experiências vividas, de cada viagem, de cada lugar que passou. Ele é grandioso em seu conhecimento que transmite, pois sabe muito bem de tudo explana. Nunes possui experiências acumuladas e tudo isso aparece em sua narrativa. Cada acontecimento que reproduz são conhecimentos e experiências de suas andanças, de seus caminhos e afazeres que fez pelos pampas, também se lembra das pessoas que fizeram parte de sua vida. Tem consciência que o lugar que ele tanto valoriza, já está dando lugar a novos valores. Dá-se por conta que sua vida passou muito rápida e sua força não é a mesma. Fischer destaca “que embora esteja em perfeita saúde física e mental, para desempenhado arcaibouço de oitenta e oito anos”. Não servindo para a vida de peão que é muito árdua, afasta-se da vida campeira e se torna um narrador, um portador de conhecimentos apenas dominando por aqueles que conseguem chegar à velhice e com sua memória altamente clara para poder contar as histórias com todos os detalhes. Através da sua oralidade consegue ser o grande transmissor do conhecimento e ao mesmo tempo encontramos ensinamento morais para todos que tenham a oportunidade de ler esses contos.

Blau não se cansa de falar de suas experiências e transformar a sua oralidade em algo mais palpável. Sabe que a chegada da idade, não possui tanto

tempo para expor suas experiências de gaúcho dos pampas. Deseja preservar os costumes e as tradições que o constitui. Fischer diz que

”Simões Lopes Neto escreveu num registro de linguagem hoje virtualmente morto, não obstante a permanência de traços dele na língua comum do estado, não obstante a força impressionante dos centros de tradições Gaúchas espalhadas pela região, os quais tendem, por sua própria natureza, a preservar pelo menos parte deste patrimônio lingüístico.” (Fischer, 1998 p.6)

5. GAÚCHO: Monarca das Coxilhas ou Campeiro, Herói ou Mito.

O Rio Grande do Sul é como aquele filho que sai muito diferente do resto da família. A gente gosta, mas estranha. O Rio Grande do Sul entrou tarde no mapa do Brasil. Até o começo do século XIX, espanhóis e portugueses ainda se esfolavam para saber quem era o dono da terra gaúcha. Talvez por ter chegado depois, o Estado ficou com um jeito diferente de ser. Há quem interprete que foi o desamparo diante desses abismos horizontais de espaço que gerou, como reação, o famoso temperamento belicoso dos sulinos.

Começa que diverge no clima: um Brasil onde faz frio e venta, com pinheiros em vez de coqueiros, é tão fora do padrão quanto um Canadá que fosse à praia. Depois, tem a mania de tocar sanfona, que lá no RS chamam de gaita, e de tomar mate em vez de café. Mas o mais original de tudo é a personalidade forte do gaúcho. A gente rigorosa do sul não sabe nada do riso fácil e da fala mansa dos brasileiros do litoral, como cariocas e baianos. Em lugar do calorzinho da praia, o gaúcho tem o vazio e o silêncio do pampa, que precisou ser conquistado à unha dos espanhóis.

Todas as pessoas que nascem no Rio Grande do Sul, possuem um grande apego ao local, a terra, ao campo. Para as pessoas que lá vivem não precisam de muitas coisas, se encontram satisfeitos com o que tem. Para conhecer o regionalismo da região Sul é preciso apresentar o símbolo maior da terra, o homem gaúcho. É uma figura típica, que estão presentes com suas crenças, mitos, enfim,

ideias do povo sulino. O homem gaúcho ama sua terra acima de tudo e está sempre a postos para defendê-la.

Antes de surgir o termo “gaúcho”, as pessoas que moravam nas terras do Sul sofriam com as variedades de conceitos. O respeito sempre prevalecia, pois esses homens eram conhecidos como fortes e bravos. Tudo acontecia quando não existia emprego fixo, eles andavam livres e soltos pelos campos e eram chamados de “Gaudérios”, que no dicionário Silveira Bueno significa folgança, folia. Assim eram vistos os homens sulinos como preguiçosos, sem pudor e sem moral. Homem que vivia nos campos sem ter nenhuma serventia, isto é, não tinha nenhum trabalho que valorizasse sua existência. O gaúcho tinha somente o corpo para o trabalho e para a guerra, essa vida sem rumo lhe era imposta pelo contexto social em que vivia. Mas por baixo do poncho bate um coração capaz de se emocionar até as lágrimas em um Centro de Tradições Gaúchas, o CTG, criados para preservar os usos e costumes locais. Neles, os durões de derretem: cantam, dançam e até declamam versinhos em honra da garrucha, da erva mate e outros gauchismos.

O tempo passou e o homem marginalizado tornou-se útil. Com a queda da pecuária, os frigoríficos platinos começaram uma grande concorrência com a região Sul. O homem tachado de marginal conseguiu reverter sua imagem e passa a ser herói no século XX. A Revolução Farroupilha é um dos fatos mais importantes para a valorização do homem gaúcho, pois eles eram transformados de peões para guerreiro valente. Toda essa guerra foi degradante, muitos homens se perderam. Suas vidas foram tiradas com muito sofrimento e sangue. Mesmo assim a figura do gaúcho é de valentia, pois estava servindo a Pátria.

A figura desse homem é vista como herói e sobre essa primeira imagem Chaves (1994, p.38) comenta como nasceu.

[...] sem sombra de dúvida, que o gaúcho histórico, o monarca das coxilhas ou centauro dos pampas, é uma construção ideológica. Deve-se em grande parte aos interesses dos estancieiros-soldados, os grandes proprietários que precisaram de um contingente humano servindo, duplamente, aos negócios da estância e à atividade guerreira, em defesa da fronteira sempre ameaçada. Por isto, mobiliaram o antigo guasca, salteador marginal das planícies abertas e travestiram-no na imagem

idealizada de campeador e guerreiro. Nasceu assim, mais na imaginação do que na realidade, o vulto de um herói coletivo: másculo, forte, viril, mulhengo, destemido diante do invasor, sempre acompanhado de sua montaria inseparável.

Segundo Chaves o termo “monarca das coxilhas” foi construído baseado em ideologias, pois era preciso muitos homens para trabalhar nas estâncias como também para defender as fronteiras. Assim com seu heroísmo os peões eram valorizados e trabalhavam nas estâncias defendendo suas raízes e os bens lá existentes. Com essa nova visão um tipo humano que até hoje é identificada na literatura da região Sul e nos moradores do estado: o gaúcho. Esse homem deixa de ser visto com tanta imponência e com isso a decadência das estâncias. Em consequência o homem “monarca das coxilhas” cai por terra. Pode se entender que a mistificação do homem gaúcho foi se modificando. Com o passar dos tempos foi mudando e transformando em apenas um homem real recebendo as influências do contexto social em que está inserido. Existe uma obra que marca a crise do monarca, o romance “Ruínas vivas” (1910), de Alcides Maya, acompanhado do livro de contos Tapera (1911). O autor apresenta, em sua obra, a crise do campo nos pampas, da seguinte forma:

[...] representa o caso-limite do regionalismo tradicional que forjou o mito do herói gaúcho. Coube-lhe viver, na passagem do século, o momento de profunda transformação em que se deu a industrialização do pampa, assinalando a crise do patriciado rural até então soberano. (CHAVES, 1994, p. 14).

De acordo com Chaves, Maya apresenta as transformações que se passaram no campo (decadência da estância), na virada do século, vivenciadas por ele. Simões Lopes Neto representa a figura do gaúcho virtuoso, forte, mas existe a aproximação do homem simples que trabalha no campo, como Fischer comenta: “[...] uma série de quadros humanos de gente decadente do mundo do campo”. (FISCHER, 2004, p. 59). O autor de “Contos Gauchescos” consegue transformar os seus contos em descrições com profundidade diferenciada. Fazendo o leitor idealizar os pampas, os campos, as coxilhas, a estância, toda sua narrativa parece que

possui alma e vida, o leitor realmente é inserido nessa natureza que está sendo representado. A descrição é tão precisa e profunda que vai além, a natureza passa a fazer parte do homem e o homem dela. Dessa forma, o que se vê nas obras do autor é a descrição a partir do universo do personagem, como ocorre com Blau Nunes. Os elementos do universo de Blau, as plantas, os animais, a paisagem são usados pelo narrador para descrever pessoas, ambientes, situações. Ainda sobre o personagem Blau Nunes, pode-se afirmar que representa com sabedoria o homem sulino com seu vocabulário, sua visão de mundo. Assim é apresentada uma visão real na literatura sobre o verdadeiro gaúcho. Podemos ver que o homem gaúcho é simplesmente um trabalhador que trabalha muito em suas terras. A vida no campo é muito desgastante, mas seu cansaço é como uma grande vitória, pois ele é trabalhador guerreiro.

Na obra “Contos Gauchescos” pode-se observar esse conceito, pois a figura do gaúcho é um ser corajoso, não importando a classe social ou hierarquia. O trabalho que possui nas mãos faz com prazer, pois é um ser da terra, do campo. Na obra, o gaúcho, apesar de não ser caracterizado excessivamente como herói, ainda conserva algumas características do monarca das coxilhas. Depois de Simões Lopes Neto vários autores como Ramiro Barcelos escreveu poemas satirizando o herói, assim o monarca das coxilhas desaparece do contexto. Cyro Martins apresenta um gaúcho decadente do campo.

De acordo com Fischer, a obra de Martins apresenta o gaúcho despossuído, sem prestígio, que será chamado de “gaúcho a pé”. De sua obra, faz parte o ciclo do gaúcho a pé, formado pelas obras “Sem rumo” (1937), “Porteira fechada” (1944) e “Estrada nova” (1953). Nesse ciclo, o gaúcho não é mais representado como herói, nem mistificado. O gaúcho de Cyro é o gaúcho que não consegue se sustentar no campo e vai para a cidade.

Outra nova visão do gaúcho é apresentada pelo escritor Erico Veríssimo, um dos maiores expoentes do romance de 30. Ele escreveu a trilogia “O tempo e o vento”, da qual fazem parte os romances “O continente” (1949), “O retrato” (1951) e

“O arquipélago” (1962). Essa trilogia é importante para análise do regionalismo sul-rio-grandense, bem como para entender a evolução da representação do gaúcho na literatura, pelo fato de estar, nos romances, a trajetória do conceito de “gaúcho”. Segundo Chaves (1994, p.57), Erico Veríssimo apresenta o gaúcho valente, guerreiro, representados pelos personagens Capitão Rodrigo e Licurgo Cambará. No entanto, o autor também apresenta, ao mesmo tempo, personagens pacíficas, como Li roca, Fandango, Floriano (de Arquipélago). Esse é um dos diferenciais de Veríssimo: expõem, na sua obra, as duas linhas de representação, dois tipos de homens das terras sulinas. Cada um, com suas características, têm seu papel no decorrer da trilogia. Se, por um lado, aparecem representações do gaúcho virtuoso, chegando ao ponto máximo de Capitão Rodrigo, por outro, há representações de homens comuns, que em conjunto formam uma trilogia, em que são contados 200 anos de história (ficcionalista) do Rio Grande do Sul. Esses anos iniciam com a formação do estado gaúcho e vão até o fim do Estado Novo, de Vargas.

Depois de Érico Veríssimo surgiram vários autores regionalistas, mas o tema principal “o gaúcho herói, monarca” deixou de ser representado. A partir da década de 1960 começaram a retratar as colonizações alemãs, italianas e açorianas, entre outras. Uma obra que surgiu em 1981 e ainda satirizava o gaúcho foi “O analista de Bagé” na voz de Luis Fernando Veríssimo, onde valoriza a indumentária do gaúcho que é a “bombacha”. É usada pelos homens da região em comemorações e nos Centros de Tradições Gaúchas (bailes de CTG).

No contexto social a representação do homem gaúcho passou por várias mudanças de guerreiro e forte para ser visto como homem simples que erra e acerta em suas escolhas. A figura moldada do gaúcho como homem estereotipado, representado como monarca das coxilhas, não conseguiu resistir sem arranhões à quebra de paradigmas e à revisão ideológica proposta pela pós-modernidade.

6. Contos Literários

O conto tem origem desconhecida, entretanto existem algumas hipóteses. Do oriente, da Pérsia e da Arábia, são oriundos os contos que até hoje correspondem aos melhores que foram criados, como “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”, “Ali Babá e os Quarenta Ladrões”, etc.

No século XIX, o conto atinge seu período de glória, chegando aos tempos atuais como forma literária.

Segundo Massaud (1987), o conto caracteriza-se pela sua objetividade, apresentando as unidades de ação, lugar e tempo. A unidade de ação condiciona as demais e um único espaço pode servir de cenário para o conflito. Os acontecimentos desenvolvem-se em curto lapso de tempo, pois o presente é o que importa.

São poucas as personagens que aparecem no conto, devido às condições das unidades anteriormente mencionadas. A linguagem também deve ser objetiva e utilizar metáforas de fácil entendimento do leitor. Na linguagem, o diálogo é o mais importante porque os conflitos, os dramas aparecem através da fala. Somente por meio do diálogo haverá discórdia ou mau entendimento e, assim, o conflito.

Nessa forma, de acordo com Massaud (1987), encontram-se vários tipos: contos de ação (narrativas para divertir o leitor); conto de personagem (o narrador centraliza sua atenção no exame da personagem); conto de cenário ou atmosfera (menos frequente que os outros); e conto de ideia (visão filosófica do escritor sobre a humanidade e o mundo). Também aparecem os contos maravilhosos que são constituídos de fadas, bruxas, príncipes que são os preferidos do público infantil.

7. ANÁLISE DOS CONTOS DE SIMÕES LOPES NETO

A análise que será apresentada enfatiza a beleza estética dos contos de Simões Lopes Neto através da forma como lida com a linguagem e expressa os hábitos em acontecimentos históricos do Rio Grande do Sul. Simões Lopes Neto

sabia o que estava fazendo, pois seu espírito jornalístico e sua facilidade de escrever foram favoráveis a sua obra. Fischer comenta que nessa frequência “se criou a intimidade de Simões Lopes Neto não no mundo do campo, coisa que conheceu em vida desde o nascimento, mas com o registro desse mundo. Ele estava aprendendo a escrever aquela matéria.” Contar é viver. Narrativa e vida representam a mesma coisa. A ausência da narrativa é igual à morte. Blau conta; Blau vive. Ele é o narrador de uma série de histórias, de “causos” e de descrições geográficas. Seu relato recupera um mundo perdido, o mundo gaúcho. Pela palavra, o passado revive, quase com o mesmo colorido e emoções dos dias de glória.

Zilberman (1992, p. 54) comenta sobre essa ligação do homem com a terra em Lopes Neto:

A afinidade entre o homem e o meio circundante é característica do tratamento do espaço num texto regional. A singularidade da narrativa de Simões Lopes, porém, é que não apenas o cenário e seus habitantes – árvores, animais, pedras – ‘falam’ ao protagonista, como podem representar imagetivamente a temática do conto. Por isso, se Blau Nunes apresenta os lugares por onde passou à procura da guaiaca, a descrição nunca visa identificar o pitoresco na paisagem sulina, e sim denunciar a solidão e o abandono do herói, quando de sua busca alucinada do objeto perdido.

Conforme as palavras de Zilberman, o que diferencia as obras de Simões é que o cenário e os personagens podem representar, a partir de imagens, a temática de um conto. Dessa forma, o autor vai além dos regionalistas anteriores a ele. Assim, também, a obra de Simões é universal ao mesmo tempo em que é regional, visto que as descrições visam denunciar os sentimentos das personagens, mais do que descrever somente o que é próprio da região, do Rio Grande do Sul.

Ainda sobre Lopes Neto, é, sem sombra de dúvidas, Contos Gauchescos é a obra mais expressiva do autor. É nessa obra também que se tem a representação mais expressiva do homem do campo, o gaúcho. Desde seu vocabulário até sua sina de ser homem livre, conhecedor dos campos do sul que, no caso de Blau, narra episódios passados. Sobre a representação das personagens em Contos Gauchescos, são semelhantes a Blau, em uma série de aspectos. É:

[...] uma galeria de seres que apresentam características semelhantes às do narrador ou que pertencem ao mesmo eixo. Independentemente de sua classe social ou, sobretudo, de seu posto da hierarquia militar, todos os agentes das narrativas são acima de tudo homens corajosos, desconhecendo limites legais (podendo até ser um fora da lei, como Jango Jorge), morais, como o negro Bonifácio, ou sociais, como na maioria dos contos. (ZILBERMAN, 1992a, p. 55).

É a mocidade, o tempo do vigor que está em sua memória. É o mundo, não de um homem, ou de um gaúcho, mas aquele que existe implícito na alma de todo o guasca de lei. Blau faz de sua narrativa uma descrição de caracteres, mas através do relato da ação, leva o ouvinte, o “patrãozinho”, e por extensão o leitor, à preocupação total do mundo gaúcho. O contador de histórias aparece ora como protagonista, ora como personagem secundário, ou ainda conhece as histórias como tradição. Assim acontece sua narrativa riquíssima de detalhes que leva o leitor ao delírio.

A primeira página dos “Contos Gauchescos” abre com a apresentação do vaqueano Blau Nunes que o autor faz questão de chamar atenção do leitor: “Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano.” Afirmando ter sido seu guia numa longa viagem pelo interior do Rio Grande do Sul ao fim da qual os olhos ainda retêm “a impressão vivaz e maravilhosa grandeza, da liberdade e da honestidade”. Qualidades que Simões Lopes Neto acredita existir em seu personagem e narrador. A viagem é um passeio em todas as cidades importantes que

“(…) podres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo da luz, a impressão sublimada e consoladora: e o coração, quando faltar ritmo, arfará num último estouro para que a raça que está formando, equivale, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heroicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz.” (LOPES NETO, p. 16)

Para demonstrar uma verdadeira amizade pelo seu fiel guia e narrador Simões Lopes Neto fala:

“E, por circunstância de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e, segundo o benquistado Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvidos finos, mantendo no seu aprumo de furriel farroupilha, que foi, de Bento

Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.”
(LOPES NETO, p.16)

Durante uma viagem, a memória trabalha casualmente: um encontro, a passagem por um lugar, um acontecimento que a propósito lembra outro. Assim continua exaltado o seu personagem narrador e caracterizando o mesmo:

“(…) E do trotar sobre tantíssimos rumos: das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das coisas que ele compreendia e das que eram-lhe vedadas; (...) das erosões da morte e das eclosões da vida entre o Blau – moço militar – e o Blau – velho paisano ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia –, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.”

Querido digno velho!

Saudoso Blau!

Patrício, escuta-o.

A partir daí, Blau Nunes põem-se a relatar os dezenove contos que são histórias que ele viveu diretamente ou apenas presenciou ou simplesmente ouviu narrar por outras vozes que agora ele recupera para recontá-las a seu interlocutor. Mais do que evocações líricas do passado, da terra e do povo rio-grandense, estas lembranças do vaqueano estão impregnadas de uma tentativa de explicações do homem do pampa.

A perspectiva de Blau Nunes a respeito do gaúcho é ambígua. Por um lado, celebra-lhe as virtudes: a hombridade, a bravura, a honestidade e por outro é essencialmente um “gaudério”, um homem que tem de seu apenas o cavalo e as habilidades campeiras e guerreiras.

No conto “Trezentas Onças” o vaqueano tem por missão transportar respeitável soma de onças de ouro. Blau relata em primeira pessoa, com muita descrição de paisagem, uma história que demonstra as suas qualidades que se confirmam no decorrer dos fatos narrados. A história é que, certa vez, viajando sozinho a cavalo, acompanhado apenas de seu cachorro perde a guaiaca cheia de “onças de ouro” que seu patrão lhe confiara para comprar uma tropa de bois.

_Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar. Parece que foi ontem!...Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada. (LOPES NETO, p.18)

Certo ponto da viagem para num passo para sestar, onde, depois de uma boa soneca, vai refrescar-se com alguns mergulhos na água fresca do passo. Blau descreve nos mínimos detalhes suas aventuras: “Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui-me à água que nem capincho!” (LOPES NETO, 18)

Torna-se a vestir-se e a encilhar seu zaino (cavalo de pelagem quase preta) e continua sua viagem em direção à estância, onde deveria pousar. Logo que sai a trotar, Blau Nunes nota que seu cão estava inquieto, latindo muito e ficando para trás, como se quisesse dizer alguma coisa. Mas sem entender segue seu caminho e seu cachorro obrigado a seguir também. Chegando a estância, ao apeiar do seu cavalo e cumprimentar o dono da casa, nota que sua guaiaca não estava na sua cintura e diz que perdera a trezentas onças do patrão. Monta em seu cavalo e sai galopando em seu cavalo e acompanhado de seu fiel cãozinho. Blau chega ao lugar, onde descansara, mas não encontra mais a guaiaca no lugar onde tinha deixado. Como podemos observar:

“Embaixo, o rumor da água pipocando sobre os pedregulhos; vaga-lumes retouçando no escuro. Desci, dei com o lugar onde havia estado; tentei os galhos do sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca a as armas; com as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá...; nada! Nada!”

O medo da desonra e desespero toma conta de sua alma, pensa que não possui condições de pagar a fortuna que perdeu. Blau pensa no suicídio, pois é melhor a morte do que sofrer a humilhação de ser chamado de ladrão. Mas, no momento fatal, o brilho das estrelas, o cachorro lambendo a sua mão e o cavalo relinchado lembra-lhe o respeito à vida que todo bom gaúcho tem. Assim, o gaúcho reequilibra-se e decide que venderá todos os seus bens e dará um jeito de pagar ao

patrão o prejuízo da perda das trezentas onças. Volta para estância e quando chega tem uma feliz surpresa. Sua Guaiaca estava em cima da mesa.

“Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enrolada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças, dentro. Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa noite! Entouces que tal Le foi de susto?... E Houve uma risada grande de gente boa. Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaiapeca, arrolhadito aos meus pés...” (LOPES NETO, p.24)

Há vários desequilíbrios emocionais na narrativa de Blau. O primeiro é ocasionado pela perda da guaiaca, que com desespero tenta recuperar voltando ao lugar onde sesteou e banhou-se. Como não acha entra em parafuso e acontece o segundo desequilíbrio, através da vontade de se matar por não ter encontrado o que procurava. Mas através da natureza, dos animais, das estrelas, há um novo equilíbrio e Blau volta para a fazenda para prestar contas ao seu patrão.

O caráter do gaúcho apresentada por Simões Lopes Neto é um tipo social que é fácil de encontrar, não é apenas no Rio Grande do Sul, e sim, em qualquer outro lugar. O Blau (rio-grandense) é um vaqueano, humilde, honesto e cheio de esperanças, mas com certeza existem vários “Blaus” neste mundo de Deus. Por isso, o regionalismo de Lopes Neto é ultrapassado pela universalidade de sua própria criação literária.

Segundo Gonzaga (2004), ao fazer de Blau Nunes o narrador de Contos Gauchescos, Simões Lopes Neto enfrentou um problema que nenhum outro escritor brasileiro até então solucionara: que linguagem utilizar? A norma culta soaria falsa e artificial. O linguajar do peão romperia a convenção literária e se isolaria na forma de expressão de um grupo. Simões Lopes Neto solucionou esse problema da seguinte forma: fez largo uso do léxico e eventualmente da sintaxe próprios da linguagem da campanha, mas submetendo-os a morfologia da norma culta. Assim, ele manteve a “cor local”, própria do regionalismo, sem romper com a tradição literária, fazendo universal também a sua linguagem.

A linguagem no tecido imaginário da ficção é o elemento fundamental que assegura a ultrapassagem da descrição regionalista para beirar o território da universalidade. Blau Nunes quando refaz o caminho percorrido; indo atrás da

guaiaca perdida, menciona “O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar...” (p. 21).

Simões Lopes Neto usa palavras corriqueiras que encontramos na linguagem do gaúcho, isto é, daquele homem simples da campanha gaúcha. Em todo o conto existem várias palavras que na região Sul é falado. Neste parágrafo acima comprova o linguajar gauchesco, mas com a facilidade de entendimento de qualquer leitor.

“o zaino” (cavalo de cor quase preta); “atirava o freio” (uma das peças do arreio de um cavalo, que vai dentro da boca do animal, permitindo ao cavaleiro, através das rédeas que vão presas a essa peça, comandar o bicho); “no compasso do galope” (é o mesmo que o cavalo balançava a cabeça para frente (o mesmo que rápido). No conto também se encontra metáforas como “(...) entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirava, do outro (...)”; “E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogeuado, como de incêndio num pajonal; depois o lusco-fusco; depois cerrou a noite escura; depois, no céu, só estrelas... só estrelas”. (p.20 e 21); descreve o anoitecer nos pampas e nos campos; encontra-se os espanholismos (mui, solito, eh-pucha, d’espacito, entonces, etc.), corruptelas (vancê) e uma grande quantidade de termos regionais (cusco, guaiaca, galpão, pingo, galope, patricio, restinga, passo, gauchada, zaino, trote, etc.).

Quanto ao tempo não se tem certeza, apenas existe o relato de Blau ao seu interlocutor, que no caso é o autor da obra “Cantos gauchescos”, ele menciona: “Parece que foi ontem!.. Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.” Assim comprova a autenticidade do fato, pois a região Sul possui as quatro estações do ano bem definidas e fevereiro é verão, então se explica que Blau vai se refrescar no passo, pois é época de muito calor e tranquilamente é agradável tomar banho no rio. Também apenas menciona quando é dia claro e quando a noite chega e diz que apenas as estrelas iluminam o seu caminho “(...) entre o resto de luz que fugia de um lado e a noite que vinha, (...)” (p.20 e 21).

O conto “Trezentas Onças” é uma pequena amostra da pura honestidade do homem gaúcho, no caso Blau Nunes. Os animais, a natureza são elementos importantes para trazer o vaqueano de volta à realidade e não se matar. Decide voltar para a casa de seu patrão e assumir o prejuízo, mas ao chegar encontra a sua guaiaca perdida em cima da mesa.

“No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi...as Três-Marias luzindo na água...o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão...e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a contaria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!... – Patrício! Não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava luzindo daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...” (p. 23)

Blau Nunes é um homem de muita sorte, pois encontra na porteira da estância uma caravana de vaqueiros, homens iguais a ele. Que ao chegarem pede pousada e sabem do acontecido e entregam a guaiaca perdida. Deparamos novamente com a lealdade, honestidade dos vaqueanos e humildade dos peões, homens simples que, assim como ele, honram seus valores.

Os valores, a honestidade presentes na personalidade dos personagens de Simões são heranças do “Monarca das Coxilhas”. Porém, o que realmente diferencia a obra de Simões Lopes Neto dos demais autores da cultura Gaúcha é a forma como ele supera o mito, transformando-o em literário. Lopes Neto dá valor ao tempo, ao espaço, a dimensão humana das personagens, os seus valores, suas perdas, como ocorreu com Blau Nunes em Trezentas Onças.

A figura de Blau ultrapassa o tipo regional a resumir num só paradigma as características essenciais do gaúcho (CHAVES, 1994), e, sob uma construção textual aos padrões literários, constitui uma personagem. A presença desse personagem no imaginário da ficção, segundo Chaves (1994, p. 45) é o elemento fundamental que assegura a ultrapassagem da descrição regionalista para beirar o território da universalidade. Portanto, Simões não cultua o mito do gaúcho, mas

reestrutura na realidade, mostrando que o forte, corajoso e guerreiro é um homem simples que valoriza suas raízes, o pampa gaúcho.

Simões Lopes Neto cria Blau Nunes que possui sua linguagem peculiar para mostrar as coisas daquele tempo em que o gaúcho cultivava sua cultura, os seus costumes, e a sua convivência com a natureza e os animais. No conto "O Negro Bonifácio" vai encontrar o típico rio-grandense constituído com seus hábitos, costumes e estrutura psicológica, o homem trabalhador, audacioso, alegre, alimenta-se bem, é sentimental e extremamente ligado a sua terra, às vezes, sentimentalista ao extremo, capaz de reações violentas. Ademais, ficam evidentes os costumes simples que lhe são atribuídos.

“... Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!...mas, taura, isso era também! Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra que prestava “...; mas foi caipora.” (p. 25)

A narração é feita em terceira pessoa e o narrador se dirige ao interlocutor, de tanto em tanto, com a expressão "escuite" na medida em que a história vai sendo lembrada e contada. Buscando assim a atenção do leitor que quer saber o que aconteceu.

A História começa descrevendo Tudinha que "era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos." e a história do Negro Bonifácio. Todos estavam nas carreiras, quando o Negro Bonifácio apareceu e começa a pastorejar Tudinha e a convida para uma aposta. Ela aceita. Se ganhasse receberia uma libra de doces. A aposta é ganha por Tudinha, ou seja, o vencedor da corrida é Nadico, então Bonifácio vai pagar sua dívida. "Esbarrou o cavalo na frente do boliche; trazia na mão um lenço de sequilhos, que estendeu à Tudinha: havia perdido, pagava...."(p.28), não pegou o pagamento e disse que deveria entregar para sua mãe.

- Faz favor de entregar a mamãe, sim?!...O negro arreganhou os beijos, mostrando as canjicas, num pouco-caso e respondeu: - Ora, misturada!... eu sou teu negro, de

cambão!..., mas não piá da china velha!Toma! E estendeu-lhe o braço, oferecendo o atado dos doces. (LOPES NETO, 1998, p.28-29).

O negro insistiu. Nadico pegou os doces e os jogou na cara do muçum. Começou a confusão. “Que peleia mais linda! Vinte ferros faiscaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido.” (p.29).

Na luta sangrenta que se segue, Nadico teve a barriga aberta e logo morreu, agarrado por Tudinha. A partir desse ponto, a narrativa atinge um ar típico de um desfecho das tragédias gregas clássicas. Fernima (mãe de Tudinha) joga água fervendo no negro que, depois de urrar como um animal selvagem, trespassou-a com o facão e a matou. O Negro Bonifácio é ferido “mandado por pulso de homem um balaço contou-lhe no tampo da cabeça e logo outro, no costilhar, e o negro caiu, como boi desnucado, de boca aberta, a língua pontuda, mexendo em tremura uma perna, onde a roseta da chilena tinha miúdo...”. (p.30 e 31)

Veja o simbolismo presente aqui, o negro estava sendo atacado por muitos, levava um tiro, facadas e foi jogada uma panela de água fervente sobre seu corpo, mas quem consegue derrubá-lo é, afinal de contas, um gaúcho com sua arma típica (arma de cano longo usada para caçada) . É o gaúcho herói de Simões Lopes Neto.

Tudinha com muita raiva pela a morte de Nadico e por sua mãe pula em cima do negro e com o facão vaza os olhos e retalha seu corpo e seus órgãos sexuais.

(...) ajoelhou-se ao lado do corpo e, pegando o facão como quem finca uma estaca, tateou no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco – vancê compreende?... – e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... (...) (p. 31).

Então surgiu o juiz da paz. Depois de todo o ocorrido Blau veio, a saber, que fora o Negro Bonifácio quem havia tirado a virgindade de Tudinha.

Blau termina o conto com a seguinte expressão: “- Ah! Mulheres... Estancieira ou peonas é tudo a mesma coisa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!” (p. 32)

Ainda nesse conto, as presenças da vestimenta, dos utensílios típicos do gaúcho campesino aparecem, por exemplo, no lenço colorado, no facão, nas boleadeiras. A valentia que está presente no contexto histórico do Rio Grande do Sul também demonstrada na figura do Negro Bonifácio, pois, na narrativa, envolve-se em uma peleia, demonstrando coragem e ousadia. Como gaúcho guerreiro em combate incessante, luta por uma causa até o fim, preservando características como perspicácia, mobilidade e virilidade. É aquele que custa a aceitar um desafio, mas quando aceita vai até o fim, principalmente quando a sua honra estiver em jogo.

De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino! E na cintura, atravessado com entorno, um facão de três palmos, de conta. Na pabulagem, andava sozinho: quando falava, era alto e grosso e sem olhar para ninguém. Era um governo, o negro! (LOPES NETO, 1998, p. 27).

O herói gaúcho na obra “Contos Gauchescos”, tem características próprias, atitudes e qualidades que lhe diferenciam das outras obras. O percurso desse herói gaúcho é marcado pela situação social que vive, pois tem como cenário o campo, o pampa e, nesse contexto, configura-se como herói nesse tempo e nesse espaço, retornando momentos da história rio-grandense como a Revolução Farroupilha.

No conto “No Manantial” encontramos uma narração em terceira pessoa. Blau conta uma história que teria vivido (ele faz parte do grupo de empregados que vai em direção a casa quando ocorrem as mortes). “- Está vendo aquele umbu, lá embaixo, à direita do coxilhão? Pois ali é a tapera do Mariano.” (p. 33).

Na tapera do Mariano há um manantial, ou seja, um banhado, um pântano e no meio dele uma roseira plantada por um defunto, e sempre carregada de rosas,

ninguém tem coragem apanhar para não ter azar na vida e também pelo fato que é um lamaçal.

Carreiros que ali perto acamparam viram perto da meia-noite duas almas: "uma, vestida de branco, outra, de mais escura... e ouviram uma voz que chorava um choro mui suspirado e outra que soltava barbaridades..." (p.34)

Blau Nunes, então, muda o tempo de sua narrativa e relembra o fato como teria acontecido o fato. Mariano veio para os pampas, pois eram tudo aberto e meio sem dono, chegou aqui trazendo sua família e com uma carta para o brigadeiro Machado. Muito trabalhador e caprichoso com tudo que realizava. O tempo foi passando e sua filha já estava com dezesseis anos, "este arranhamento era um paraíso: o arvoredado todo crescido e dando; lavouras, criações miúda, de tudo era uma fartura; havia galpões, eira, currais, tafona". Todos da casa de Mariano também tinham esse cuidado com a filha Maria Altina inclusive os negros.

Certa vez foi num terço na casa do brigadeiro Machado. Maria Altina encontrou o furriel (posto militar entre cabo e sargento) André e os dois se apaixonaram como se explica no trecho: "Mas segue-se é que na despedida da volta do furriel André deu-lhe uma rosa colorada, com um pé de palmo... e ela atravessou a flor no seu chapéu de palha, ali no mais com toda a inocência, à vista de todos." (p.35). Em casa ela trata de plantar o galho numa terra peneirada e fresca e com todos os cuidados se tornou uma planta robusta e forte, dando ramos e botões lindos. As primeiras rosas foram colhidas e fez um buque e colocado na "cruz dum Nosso Senhor que estava na frente do oratório... como quem dá uma prenda, a modo de pagamento de promessa feita!" (p. 36). Assim fazia todos os dias apanhavam uma rosa e arrumava em seus cabelos negros e com isso realçava sua beleza.

Existia outro rapazote, Chicão filho do Chico triste, que gostava de Maria Altina. Ele era um homem bagaceiro porque observava apenas o seu corpo e a desejava. A menina tinha medo do rapaz. Certo dia houve um batizado na casa do

Chico Triste. O pai e a tia-avó foram ajudar, Maria Altina ficou em casa com a avó e negra mãe Tanásia. Chicão entra na casa de Mariano e quis pegar a força Maria Altina. Num desespero se liberta e sai correndo, pegando o cavalo e sai galopeando em direção ao manancial. Para entender o fato:

“E ou por querer atalhar, ou porque perdesse a cabeça ou nem se lembrasse do perigo, a Maria Altina encostou o rebenque no matungo, que, do lance que trazia costa abaixo, se foi, feito, ao tremedal, onde se afundou até as orelhas e começou a patalar, num desespero!... A campeirinha, varejada no arranco, sumiu-se logo na fervura preta do lodaçal remexido a patadas!... E como rastro, ficou em cima, boiando a rosa do penteado.” (p.40)

Nesse meio tempo os trabalhadores chegaram do campo e viram a desgraça e foram chamar Mariano na casa do vizinho. Mariano apavorou-se, pensando que a filha tinha fugido com Chicão e se desespera. Nisso chegou à negra mãe Tanásia e contou o que aconteceu realmente. Desesperados correram para o manancial e encontraram Chicão atolado no lamaçal. Mariano sem pensar nas consequências deu-lhe um tiro, mas acertou o braço de Chicão. Sem pensar atirou-se no manancial e conseguindo alcançar o homem preso nas plantas aquáticas do lamaçal. A luta foi grande e os dois afundaram e morreram. "e tudo se sumiu na fervura que gorgolejou logo por cima". (p. 45)

A avó foi enterrada também na encosta do manancial. Uma cruz foi benta e cravada no solo pelos quatro defuntos. Como lembrança desse trágico acontecimento, ficou, sobre o solo, do manancial, uma roseira baguala, roseira que nascera do talo da rosa do chapéu de Maria Altina que ficou boiando naquele dia.

O conto trás vários acontecimentos e Simões Lopes Neto mostra os valores sociais do Rio Grande do Sul que acompanham uma trajetória de escravidão (os pretos campeiros e uma negra mina chamada mãe Tanásia); a existência das missões jesuíticas (representado pelos terços e pelo padre missioneiro); a força política centralizada nas altas patentes militares (brigadeiro Machado e o furriel André). A campanha é o contexto da sociedade gaúcha, cuja formação é composta de proprietários de terras (fazendeiros), trabalhadores brancos assalariados e livres

(peões) e escravos negros, ambos encarregados das lides do campo. A coragem, a disponibilidade para a luta, o desejo de liberdade, defesa da honra pessoal e do seu território são motivos de uma realidade marcada pela violência e opressão. A mulher é figura secundária no campo. Desde cedo, assume sua missão de servir o marido e os afazeres da casa, já o homem cuida do sustento. Os animais existentes nos campos também fazem parte do ambiente social, tanto na atividade econômica (criação de gado), quanto na forma de locomoção (o cavalo é considerado um companheiro). Percebe-se também a religiosidade no relato da participação da família na reza do terço e na comemoração do batizado, isto é, cada família ajuda a outra nos preparativos e juntos fazem a festa acontecer; a crença em superstições, caracterizada pelo barulho dos animais como podemos observar no trecho abaixo.

"Nesta manhã, desde cedo, os pica-paus choraram muito nas tronqueiras do curral e nos palanques... e até furando no oitão da casa;...mais de um cachorro cavoucou o chão , embaixo das carretas;...e Maria Altina achou no quarto, entre a parede e a cabeceira da cama, uma borboleta preta, das grandes, que ninguém tinha visto entrar..." (LOPES NETO, 1998, p.38)

A obra demonstra um rico vocabulário dialetal da região em uma época antiga, pois muitas das expressões usadas no conto já não são usadas mais ou mudaram a pronúncia como: manantial, orelhana, timãozinho, vancê (você) e (mui) muito.

No conto "O boi velho" é uma história que mostra a união, o companheirismo existente entre dois bois. "Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio: o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada." (p.55)

A frieza que o fazendeiro teve em relação ao boi, transcreve-se uma maldade a quem sempre prestava serviço sem renúncia alguma. O gaúcho não se apega facilmente a bens materiais (animais). A narração é tão profunda que ficamos com um aperto no coração. Os bois eram tão mansos que sabiam o que iam fazer todas as manhãs. "As senhoras donas e a criançada corriam para o carretão e lá já

estavam os dois bois esperando ser presos”. Os bois foram criados desde bezerros fazendo pequenos transportes e quando adultos se tornaram bois de canga. ”(...) havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo, muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajudasse.” (p.56)

Assim o tempo passa e os bois ficam velhos. “Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.” (p.56)

Cabiúna fica “solito” não sai de perto de seu amigo. Não come, emagrece e quando se dá por conta estava sendo esfaqueado pelo seu dono que não queria perder o couro de outro boi. Este conto é realmente muito triste, mas o homem gaúcho se torna insensível perante o fato que seu boi sempre foi fiel ao trabalho que desempenhava, até nos últimos momentos de vida. Para qualquer leitor sensível é impossível não ficar com um nó na garganta ou uma lágrima derramar.

“O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumante do sangue do coração... Houve um silenzozito em toda aquela gente. O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe se entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregação de picana, mal dado, por não estar ainda arrumado... – pois vancê creia! – soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando, o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinha, no lugar da canga... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca... E ajoelhou... e caiu... e morreu...”(LOPES NETO, 1998, 57-58)

“Chasque do Imperador” é um conto simples, começa com o narrador, Blau Nunes, gaúcho já velho, com uma excelente memória conta suas experiências e fatos que ele julga inusitados e dos quais participou em sua maturidade. Sua fala começa assim:

“_Quando foi do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65 e o imperador Pedro II veio cá, com toda a frota da sua comitiva, andei muito por esses meios, como vaqueano, como chasque, como confiança dele; era eu que encilhava-lhe o cavalo, que dormia atravessado na porta do quarto dele, que carregava os papéis dele e as armas dele. Começou assim: fui escalado para o esquadrão que devia escotar aquele estadão todo.” (LOPES NETO,1998, p.65)

Fala de sua experiência militar e das figuras importantes (o imperador Dom Pedro II) que conheceu e a qual serviu como acompanhante e guarda costa. São histórias breves, narrados com certo orgulho a modo de "causos". Blau conta para seu interlocutor que está acompanhando pelos pagos. Vão lembrando todos os caminhos, cada refeição e cada pessoa que encontrava no caminho. Até, que chega a uma cidade para pousar e o dono da estalagem só oferece chá e doces nas refeições, pois o ouviu falar que para pessoas da realeza tinham que lhe oferecer apenas refeições finas.

Até o dia em que o hóspede, não mais suportando provar por educação, e não aguentando mais a fome, protesta educadamente, elogiando os doces, mas solicitando um "(...) feijãozinho... uma lasca de carne... (...)", provocando o alívio no dono da hospedaria e de seu hóspede. Simplesmente estava com muita fome.

"_ Quê! Pois vossa majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!... Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... ora esta!... Vamos a um churrasco... que eu, também, não aguento estas porqueiras!... (LOPES NETO, 1998, p.71)

As qualidades típicas do gaúcho a lealdade, a honra e a valentia se fazem presentes no conto "Chasque do Imperador", porém desmistificadas. Blau é retratado como servil o que poderíamos atribuir à juventude, pois fez parte de vários fatos históricos do Rio grande do Sul inclusive da visita do imperador. Blau é personagem nesta narrativa que conviveu com os altos escalões da política nacional. Duas características do gaúcho aparecem neste conto: uma rudeza no falar, e uma delicadeza no tratar com o imperador, deixando entrever até certo servilismo do povo mais simples.

"—Eu pensava que o Imperador era um homem diferente dos outros, assim todo de ouro, todo de brilhantes, com olhos de pedras finas... Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como quera... uma cara tão séria... e um jeito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de rédea no chão!... Isso é que era!"(LOPES NETO,1998, p. 67-68).

O conto "Chasque do Imperador" é uma história humorística e satírica, não diminuindo o valor da literatura regionalista. Pois tirando o fato importante que é a presença do imperador nos pampas rio-grandense, se tornaria uma pequena história dos docinhos finos. Diferentemente da maioria dos contos, este não tem sangue nem disputas amorosas.

Em toda a obra "Contos Gauchescos", observa-se que há a preservação das tradições do homem do campo, temos, na figura de Blau Nunes, o "gaudério" com suas características físicas e morais, tendo seus valores preservados. Devido sua vida de nômade, isto é, o típico gaúcho inquieto e valente é visto como figura solitária, gauderindo pelos pampas, reunindo-se com seus companheiros de vez em quando e envolvido com a natureza da campanha gaúcha. O herói gaúcho tem características próprias, atitudes e qualidades que lhe diferenciam das personagens das outras obras. O percurso desse herói gaúcho é marcado pela situação social que vive, pois tem como cenário o campo, o pampa e, nesse contexto, configura-se como herói nesse tempo e nesse espaço, retomando momentos da história rio-grandense como a Revolução Farroupilha.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, percebe-se a importância da leitura. Ler não é apenas decodificar palavras, implica interpretação do contexto da obra para que realmente haja um envolvimento entre o texto e o leitor.

A literatura brasileira é bem vasta e bela, devido à mistura cultural representada pelos escritores de Norte a Sul do país.

Os movimentos que por aqui passaram contribuíram muito com a literatura contemporânea, pois as experiências vividas são os fundamentos para a construção do futuro. Não obstante, as obras que retratam a história da literatura, de um modo geral, são pouco valorizadas, principalmente quando se propõe leitura nas escolas.

Contemplar as origens não é somente papel dos historiadores, mas de todas as pessoas que se orgulham de suas tradições. Essa também é a função da literatura, perpetuar a história, reproduzindo a realidade em forma de ficção.

Por fim, pode-se concluir que através dos contos analisados que constituem a obra, Simões Lopes Neto exaltou a cultura e literatura dos gaúchos e que cumpriu o seu papel, divulgando a nossa cultura e contribuindo para o enriquecimento da literatura rio-grandense.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1)

Bosi, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**, São Paulo: Cultrix, 1994.

Bueno, Silveira, 1898-1989. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa/ Silveira Bueno - 2. ed - São Paulo: STD, 2007.**

CHAVES, Flávio Loureiro. **Matéria e invenção: ensaios de literatura**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1994.

FISCHER, Luis Augusto. **“Uma edição nova e inovadora”**. In: LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1998.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura gaúcha**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GONZAGA, Sergius. **Curso de Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos**. São Paulo: Ática, 1998._____.
Contos Gauchescos. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre:L&PM,1998.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária**. São Paulo: Cultrise. 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992a.